

Oficina de mapeamento participativo dos determinantes para manutenção de criadouros do *Aedes aegypti* no território de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil

Telma Temoteo dos Santos¹, Rosane Moreira Silva de Meirelles²

1. Doutoranda no Programa em Ensino em Biociências e Saúde (PG-EBS), Instituto Oswaldo Cruz- Fiocruz, Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB); *telmatemoteo@hotmail.com

2. Orientadora no Programa PG-EBS e Programa em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente (MECSMA), UNIFOA- RJ; Professora adjunta no Departamento de Ensino de Ciências e Biologia, DECB/IBRAG/UERJ; rosanemeirelles@yahoo.com.br

Palavras Chave: *determinantes da saúde, território, educação em saúde*

Introdução

Com base em trabalhos já publicados sobre a importância do conhecimento dos atores sociais acerca dos seus territórios e a inclusão deste nas ações de enfrentamento de agravos à saúde, o presente trabalho consistiu na elaboração e aplicação de uma oficina didática para fomentar a discussão sobre o território de Manguinhos e de que forma as relações sociais, culturais e ambientais estão inseridas nos discursos dos participantes.

A oficina foi parte integrante do curso de formação para agentes populares de saúde, tendo como público alvo, moradores do complexo de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil. Iniciativa inédita até então, partiu de uma perspectiva interdisciplinar: Ciência e Arte. O curso, com duração de quatro dias, foi coordenado pela equipe de pesquisadores, doutorandos e pós-doutorandos do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC/Fiocruz-RJ). A oficina aqui relatada foi realizada em uma tarde, com duração de quatro horas. Teve como objetivo principal conhecer o território de Manguinhos/RJ junto à população participante e os determinantes sociais da saúde que favorecem a ocorrência das doenças associadas com o mosquito *Aedes aegypti* (dengue, zika e chikungunya). Os seguintes objetivos específicos foram construídos: i) conhecer as percepções dos participantes sobre o território ii) identificar no trabalho de campo os determinantes sociais da saúde (ambientais, sociais, políticos, econômicos e culturais) que condicionam a ocorrência de doenças infectocontagiosas e, iii) elaborar um mapa colaborativo do território.

O desenho metodológico compreendeu três momentos: no primeiro, foram levantadas as questões: *Conhecemos, de fato, o local onde moramos? Como podemos afirmar que conhecemos um lugar? É possível sentir-se parte de um local sem conhecê-lo?* Essas questões foram seguidas da discussão sobre a importância do *olhar* sobre uma determinada área e de que forma os agentes populares da saúde podem contribuir para identificação de fatores que não condicionam a saúde de um determinado local. Também foram apresentados as diferenças de significados entre os mapas para localização geográfica e os mapas de território com indicadores para saúde e como estes instrumentos guiam o trabalho das equipes da saúde da família e gestores da saúde pública.

Na segunda etapa foi solicitado que os participantes elaborassem representações de mapas do seu território. Em seguida foram distribuídas cópias dos mapas oficiais do território de Manguinhos retiradas da *Internet*. Os participantes foram questionados se haviam nos mapas

(elaborados e oficiais) elementos relacionados aos objetos saúde e doença. Após a discussão foi proposta uma saída de campo, com duração de uma hora. Os participantes foram divididos em cinco grupos, cada um com um monitor. Foram distribuídas folhas de papel A4 com linhas para que fossem colocadas as percepções sobre o território. Além das anotações ocorreram registros fotográficos (com as câmeras dos celulares) de alguns determinantes para a saúde. Na terceira etapa, cada grupo elaborou um texto e apresentou suas representações sociais sobre a situação de saúde de Manguinhos para os demais grupos.

Resultados e Discussão

As seguintes questões foram levantadas pelos participantes da oficina: a) a pouca identificação dos moradores com o território; b) a não valorização dos moradores com as políticas públicas voltadas para o local; c) conhecimento precário na diferenciação das doenças associadas com o mosquito *Aedes*; d) o descaso do poder público com o território (vários locais que poderiam abrigar cursos de capacitação para os moradores estão abandonados onde ocorre despejo de lixo; e) o descaso com o descarte correto do lixo (moradores e poder público) e políticas mais efetivas para saneamento básico; f) o desconhecimento do potencial do território para atividades como o lazer e educação (tanto moradores quanto poder público). Também foi apontado que a organização de um território ocorre a partir de condições similares de economia, cultura, ambiente e que a partir destes elementos podem ocorrer de forma exacerbada vários agravos para a saúde, como por exemplo, as doenças virais associadas com o mosquito *Aedes aegypti*.

Conclusões

Consideramos que a realização da oficina atingiu os objetivos propostos e que novos desdobramentos podem ser considerados, como atividades de produção de mídias, acompanhamento da ocorrência de agravos no território e formação continuada de agentes populares de saúde. Almejamos que outras iniciativas no ensino conciliem os preceitos da promoção da saúde e território em saúde.

Agradecimentos

Comitê de Manguinhos; Casa do Trabalhador de Manguinhos; LITEB/IOC/FIOCRUZ; CAPES.

O território em saúde. Fonseca, A. F (org). Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ. 2007. 266p